

## VIOLÊNCIA SEXUAL E RELAÇÕES DE PODER – O QUE PENSAM ESTUDANTES DO INTERIOR DA PARAÍBA?

Jaqueline Moreira de Souza<sup>1</sup>  
Benícia Brenda Barbosa da Silva<sup>2</sup>  
Kassandra Campos de Oliveira<sup>3</sup>  
Laysa Maria Barauna Lima<sup>4</sup>  
Lúcia Temóteo<sup>5</sup>

### RESUMO

As relações de poder delimitam os papéis de gênero na sociedade categorizando-os, de modo hierárquico, em dominante e objeto de domínio. A sociedade patriarcal ergue-se como fruto dessas relações, consolidando-se através dos veículos de manutenção, seja ideológico, coercivo ou econômico. A naturalização dessas formas de exercer o poder, por muitas vezes, as validam, tornando triviais as relações opressivas e os desarranjos sociais provenientes da opressão. O presente artigo tem como objetivo analisar o que pensam os alunos do ensino superior, de uma faculdade interiorana na Paraíba, acerca da legitimação da violência sexual como produto das relações de poder entre os gêneros, tal como os fatores envolvidos nessas relações. Trata-se de uma pesquisa de caráter interventivo, onde se mediou um debate acerca das temáticas abordadas. A percepção dos alunos foram interpretadas por meio da análise de discurso. Os alunos consideram que elementos, como relação familiar, fatores psicológicos e valores patriarcais, influenciam direta ou indiretamente no modo como as vítimas vivenciam as situações de violência e opressão. Por outro lado, há significativa ausência de informação, revelada nos posicionamentos dos estudantes e que muitas vezes sustentam atitudes que possam vir a relativizar a violência sexual e de gênero. O diálogo é uma das bases para a transformação da sociedade tornando-a mais justa, informada e igualitária. É partindo desse pressuposto que o presente artigo expande os campos de diálogo, estabelecendo pontes entre conhecimento popular e saber científico, buscando com isso quebrar os paradigmas ainda existentes na sociedade.

**Palavras-chave:** Gênero e poder, Violência sexual, Espaço acadêmico.

### INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa intitulado “Discussões de Gênero e Sexualidade na Academia” realizado, no ano de 2018, por estudantes e professora do curso de Bacharelado em Psicologia de uma faculdade do sertão paraibano. O projeto ocorreu, simultaneamente, em várias turmas dos diversos cursos ofertados pela faculdade. Assim, apresentamos um recorte das discussões feitas numa sala de aula de um curso da área da

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Santa Maria – PB, [jaquelinemoreira419@gmail.com](mailto:jaquelinemoreira419@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Santa Maria – PB, [benciabrendabarbosa@hotmail.com](mailto:benciabrendabarbosa@hotmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Santa Maria – PB, [kassandraoliveira13@hotmail.com](mailto:kassandraoliveira13@hotmail.com);

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Santa Maria – PB, [laysaflowers@gmail.com](mailto:laysaflowers@gmail.com);

<sup>5</sup> Docente do Curso de Psicologia da Faculdade Santa Maria – PB, [luciatemoteo@gmail.com](mailto:luciatemoteo@gmail.com).

saúde, momento em que foi exibido o vídeo “O silêncio de Lara”, que aborda a questão do estupro no interior de uma família. Este artigo tem como objetivo analisar o discurso desses alunos, no que se refere ao gênero e à violência sexual no contexto familiar.

De acordo com Butler (2011), as categorias de gênero construídas sob o efeito do poder subsidiam uma hierarquia que dita qual gênero é dominante e qual é considerado abjeto. Outrossim, essas categorias estruturadas também atuam na questão da sexualidade, no que diz respeito à heterossexualidade compulsória. Nessa ótica, entende-se que a compreensão acerca dessa hierarquização deve acontecer a partir de uma análise crítica, visto que as bases constituintes dessas categorias de gênero são resultado de uma composição específica de poder dentro das convenções sociais.

Segundo o Atlas da violência (2018), no ano de 2016, houve 22.918 casos de estupro no Brasil. Distribuindo o percentual das vítimas de estupro, segundo a faixa etária, verifica-se um total de 50,9% com indivíduos de até 13 anos; 17,0% entre 14 e 17 anos; e, 32,1% maiores de idade. Com base no dado ora exposto, evidencia-se que a maioria dos casos de violência sexual é vivenciada, em sua maioria, pela figura feminina. Segundo Araújo (2002), vários fatores contribuem com a manutenção dos índices de violência sexual no Brasil, podendo-se destacar as situações de vulnerabilidade social. Nessas, pode haver a fragilidade nos vínculos afetivos-relacional e dificuldade no acesso a serviços que auxiliem a vítima nos processos decorrentes da violação dos direitos.

Um debate que vem sendo enfatizado nos diversos campos de conhecimento é a discussão em relação às questões de gênero e à problematização acerca dos seus conceitos e características. Firmino e Porchat (2017), baseados nas ideias de Judith Butler, abordam que o debate acerca do gênero contribui para as lutas políticas e se caracteriza como fundamento para as mudanças sociais em relação à sexualidade e identidades. Em contrapartida, um problema apontado pelo estudo e obra da filósofa gira em torno da instauração de práticas de violência, exclusão e preconceito provocados pelo gênero, visto que o mesmo se encontra dentro do sistema poder-saber. Nesse contexto, há a necessidade do aprofundamento do estudo de gênero, deslocando essa discussão para dentro da esfera das finalidades do poder.

Butler (2011) questiona as noções em relação à construção e à conceitualização do gênero, colocando indagações e sugerindo releituras acerca dos aspectos regulatórios, que fazem parte do social, que atuam sobre essa construção e produzem desigualdades de gênero que, apesar das modificações, ainda estão instaladas atualmente. Nesse contexto, é possível

abordar que o gênero, ao mesmo tempo em que é construído culturalmente, também se encontra passivo a uma lei cultural que rege essa construção, através de efeitos do poder.

Vicentin (2009) aponta o ambiente familiar como um espaço frequente da prática da violência sexual contra crianças e adolescentes. Outro fator que merece ser destacado é que a autora, citando Padilha e Williams (2005), aponta o pai e o padrasto como principais agressores. As relações de gênero no ambiente doméstico apontam que, na maioria das vezes, o homem exerce o poder não apenas por meio da força bruta, da dependência financeira da mulher ou até através da ingerência do homem sobre o salário recebido pela companheira, mas, principalmente, por meio do campo simbólico enraizado por construções sociais patriarcais que se perpetuam figurando a mulher como submissa e inferior ao homem. Por outro lado, a sociedade figura o homem como detentor da virilidade e pulsões sexuais, legitimando as formas de possuir e controlar o corpo feminino, banalizando as violências praticadas (NADER; CAMINOTI, 2014).

Foucault aborda que o poder está relacionado à prática, ou seja, o poder é um exercício e a sua execução se encontra presente em todo o sistema social, agindo através de mecanismos entendidos como micro-poderes, nos diversos campos e direções da vivência cotidiana. O poder está diretamente relacionado ao saber e, nesse sentido, o sistema poder-saber, sob a sexualidade e gênero, possui a repressão como propriedade. As relações de poder-saber, presentes na conjuntura social baseada no gênero e na heteronormatividade, ditam a normatização do gênero e se inserem nas manifestações das sexualidades (FIRMINO; PORCHAT, 2017).

O espaço da escola é composto pela diversidade de alunos e professores, com suas subjetividades e experiências, adquiridas ao longo da vida. Neste ambiente, no qual experiências e conhecimentos são construídos, bem como o entendimento sobre questões sociais e culturais, o diálogo acerca da sexualidade, tendo como um dos principais intuitos a diminuição da violência sexual faz-se relevante e necessário. Todavia, ainda há um tabu ao discutir sobre sexualidade em espaços educacionais, tal como no ambiente familiar.

Ressalte-se que são frequentes as discussões sobre educação sexual na infância, de forma a auxiliá-las a reconhecer atitudes abusivas. Mas falar de sexualidade, principalmente na infância, ainda é visto como um tabu e as formas de silenciá-la é um paradigma a ser quebrado. A busca por compreender as especificidades da sexualidade, de certo modo, é idealizada, muitas vezes, como uma peça que se apresenta de forma natural. Consentindo essa imagem, pode-se dizer que a forma de como este sentido é argumentado na condição social e

política, ou até mesmo a respeito de seu feitio que fora construído, visto no seu contexto como um todo, levando em consideração fatores como classe social e lugar em que vive, gera, sem dúvidas, certo conhecimento sobre o tema colocado e dialogado (LOURO, 2000).

Considerado que historicamente a sexualidade e os estereótipos de gênero foram internalizados de forma repressiva no simbólico das crianças e adolescentes, é relevante a reflexão acerca das formas que concepções opressoras, presentes espaço escolar onde não há espaço para os corpos que se insurgem ao sistema e que, de alguma maneira, não se encaixam em determinadas regras e normas. Posto isso, faz-se necessário, neste contexto, refletir sobre a importância de indagar os programas das unidades de ensino, levando em consideração que “[...] o currículo é, entre outras coisas, um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero [...]” (SILVA, 2005, p. 97).

É de suma importância ressaltar que, no decorrer do processo da educação sexual, o vínculo escola-família é basilar para o andamento dessa ligação, posto que muitos dos processos que geram exclusão se iniciam no cotidiano familiar. É importante mencionar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) compreendem as ações da escola como um complemento à educação que inicialmente deve ser dada pela família. Desta forma, é dever do corpo escolar manter os familiares informados sobre a inserção de temáticas de Orientação Sexual na alegação curricular e explicar as teorias que darão norte à proposta. Ademais, é relevante mencionar ainda que o diálogo entre a escola e família deverá acontecer de todas as maneiras aptas a esse elo (BRASIL, 1997).

Nota-se que, na atualidade, muito embora com a força da mídia e sua influência e, ainda, as redes sociais com seu vasto espaço, inúmeras famílias se negam a abordar as temáticas sobre a educação sexual que, frequentemente, surgem e necessitam serem percorridas no meio da família. Desta forma, é urgente uma mobilização que atinja também os pais sobre a importância dessa educação, deixando claro que essa mobilização se dá por meio da troca de diálogo entre a escola e a família.

É nesse contexto que se faz necessário levantar discussões a respeito de como se dão essas relações na atualidade e nos diversos contextos, provocando o pensamento reflexivo, que se configura como uma ferramenta fundamental para as transformações sociais e enfrentamento da realidade, a fim de romper com os paradigmas em torno do corpo, da sexualidade e das construções sociais a esses direcionadas. Ademais, a produção científica é um importante veículo de conhecimento, ainda que o acesso a esse tipo de informações não seja acessível a grande parte da população. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca

contribuir com a produção científica em gênero e sexualidade, tema contemporâneo e que se faz cada vez mais necessário debater, abrindo espaços ao diálogo em uma faculdade particular do sertão da Paraíba, região onde há uma predominância do pensamento patriarcal.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo se deu com base em uma investigação de caráter qualitativo e de intervenção, com foco na análise do discurso dos sujeitos. Como descreve Guerra (2014), o método qualitativo pode ser considerado um rompimento necessário aos paradigmas metodológicos clássicos, por proporcionar que se considere o ser humano em sua totalidade, destacando a subjetividade e ausência de passividade do mesmo.

Portanto, conforme afirma a autora, tornou-se o mais utilizado pelas ciências sociais, pois possibilita intensificar a compreensão dos fenômenos vivenciados pelos indivíduos, atentando-se para a complexidade do seu objeto de estudo. Em consonância, Tuzzo e Braga (2016) explicam que isso se dá em razão dessa metodologia oferecer ao pesquisador incontáveis possibilidades de estruturar sua investigação e analisar os dados obtidos, o que resulta em um olhar mais amplificado da situação observada, que é necessário para a intervenção, sendo esta caracterizada pela construção de medidas que possam modificar positivamente a problemática encontrada.

Partindo desse pressuposto, Prodanov e Freitas (2013) dissertam que o pesquisador passa a ter um papel ativo na busca da compreensão dos elementos que constituem o problema, na construção de ações que possam solucioná-lo e na avaliação do sucesso destas. Contudo, a análise do discurso, segundo Silva e Araújo (2017), colabora apresentando a relação existente entre a fala e a ideologia, na qual é possível verificar, com profundidade, a forma como os sujeitos compreendem o que está sendo retratado.

Para obtenção dos dados analisados na presente pesquisa, realizou-se um encontro com estudantes da área de saúde de uma faculdade particular localizada no sertão da Paraíba. Na oportunidade descrita, exibiu-se um média-metragem intitulado “O silêncio de Lara” cujo conteúdo retrata a história de uma adolescente que, ao fazer 14 anos, consegue denunciar o abuso sexual que vivenciava em segredo, desde a sua infância, e era razão de muita angústia. Após a exibição, esses estudantes, indagados pelas pesquisadoras, passaram a compartilhar de suas opiniões, sentimentos e histórias das quais possuíam conhecimento envolvendo o tema.

Todo o diálogo foi arquivado por meio de uma gravação de áudio, previamente consentida pela turma, para que posteriormente pudesse ser utilizado nesta produção.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Violência sexual e ambiente familiar

Frequentemente, escutam-se nos noticiários casos de violência sexual praticados no ambiente familiar por pais, padrastos, tios ou outros membros da família. Ainda assim, é comum o silêncio para esse tipo de violência. Há violência sexual no ambiente familiar praticada também por cônjuges, esta ainda é mais velada.

Diante desta realidade, pode-se apoiar nas ideias de Foucault (1988) para melhor compreender o silêncio dessas violências, quando o autor assinala a família conjugal como modelo de manifestação da sexualidade na qual há os detentores da verdade sobre o sexo e a eles é reservado o princípio do segredo, fazendo prevalecer a hipocrisia do puritanismo moderno.

Com relação à violência sexual, no contexto geral, há prevalência da mulher enquanto vítima, resultado da legitimação da violência perpetuada pelos costumes de uma sociedade patriarcal, como mencionado anteriormente. Com isso, frequentemente se encontram discursos que culpabilizam a vítima.

No trecho a seguir, proferido por um dos participantes da pesquisa, após a exibição do filme, pode-se notar esse tipo de discurso. O mesmo afirma que *“Eu achei que a menina demorou demais pra denunciar”*. Nessa fala, há a culpabilização da vítima por não ter denunciado antes, permitindo que a violência se perpetuasse. O participante isenta de culpa o agressor, dando a entender que ocorreram outros episódios porque a vítima permitiu.

Em seguida, uma das participantes se posiciona frente ao comentário do colega: *“Por mais que você perceba que vai ser bom pra você... Você não sabe o que tá passando naquela cabeça. É difícil entender uma pessoa que tem problemas com isso. Você não sabe se você vai poder confiar em vivendo com uma pessoa que qualquer um”*. Essa fala traz diversos elementos passíveis de análise, o que chama a atenção para fatores envolvidos na formalização da denúncia. Também pode ser citado o tempo dedicado a questões burocráticas, fatores psicológicos e até mesmo o medo da culpa empregada pela sociedade.

A participante completa a fala: *“O que ela vai achar dos outros? Uma pessoa que era da família”*. Nesse momento, ela se refere à quebra do vínculo parental por meio da perda de

confiança da vítima na figura na qual é depositada as expectativas de cuidar e manter sua segurança, gerando uma fragilidade na dinâmica familiar. Quando há a revelação da situação de violência para os demais membros que compõem o núcleo familiar, eclodem diversos sentimentos que podem gerar rupturas no vínculo familiar e, por muitas vezes, a vítima se culpa por essas rupturas (ANTONY; ALMEIDA, 2018). A Família entra em estado de vulnerabilidade, temendo a exposição pelo receio do julgamento da sociedade visto que, frequentemente, há casos em que a vítima é silenciada dentro da própria família. Como aponta um dos participantes: “[...] e muitas vezes optam por silenciar a vítima, fazendo com que ela continue se submetendo ou sofrendo psicologicamente, né?”. A vítima pode vir a se sentir desprotegida ao passo que se faz presente o sentimento de pertença a um núcleo familiar adoecido, tornando escassa a confiança em outras pessoas que possam auxiliá-la no processo de denúncia.

Um dos participantes traz em sua intervenção a importância de se falar da sexualidade: *“Rapaz, eu acho que se deve usar esses sinais como auxílio na prevenção. Essa alteração brusca comportamental deve ser trabalhada, voltada mais pra questão familiar. Um dos maiores erros, arrisco dizer que o de todos aqui, é achar que nunca vai acontecer com a gente e isso acaba trazendo muita coisa pra si. Esse trabalho de intervenção, acho que deve ser feito mais com os responsáveis pelas crianças, pois essas são leigas sobre tudo. Essa intervenção deve ser voltada mais para os responsáveis pra que eles busquem uma proximidade maior com os filhos, que eles questionem se algo está acontecendo. Isso faz muita diferença... Perguntar como foi o dia do outro.”* Aqui o aluno sugere que seja falado sobre gênero e sexualidade com os pais e responsáveis pelas crianças. É necessário, entretanto, abordar o assunto em todos os contextos da sociedade, abrindo oportunidade para problematizações, desmistificações sobre o assunto, disseminação de informações, objetivando com isso a transformação da realidade (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015).

### **Aspectos psicológicos da violência sexual e de gênero**

Todas as manifestações de violência possuem em sua estrutura diversos fatores psicológicos que influenciam o posicionamento dos envolvidos e geram consequências, principalmente, para as vítimas. Desta forma, quando se estuda a violência sexual e de gênero, faz-se indispensável que se discuta de forma intensa sobre isso, pois esse tipo de agressão tem um grande poder negativo sobre a vítima, principalmente se essa se tratar de uma criança ou

adolescente, visto que irá resultar em problemas significantes em sua formação (LIMA; DIOLINA, 2013).

No início da presente pesquisa, uma aluna se posiciona dizendo: *“Tem que ver também o psicológico dela nessa situação.”* Evidenciando, assim, a sua consciência de considerar todos os sentimentos vivenciados pela vítima para compreender todo o contexto e evitar os julgamentos que pessoas, desprovidas de conhecimento na área, costumam proferir. Em seguida, deixando ainda mais clara essa preocupação, uma colega complementa: *“Ela demorou... Não sei se ela demorou, porque a situação psicológica é muito... O psicológico é difícil!”*

Referindo-se ao fato de que geralmente se questiona o tempo que a vítima leva para revelar os abusos sofridos sem que se reflita sobre os pensamentos e sentimentos envolvidos entorno disto. Um aluno chama atenção afirmando: *“Ela se culpou!”* Trazendo para a discussão um dos sentimentos mais recorrentes entre as vítimas, pois tais atos são resultados das relações de poder, nas quais o abusador utiliza-se de mecanismos de dominação para explorar e inibir.

Buscando explicar mais um dos motivos que costumam colaborar para a tão discutida “demora” para a efetivação da denúncia, um aluno diz: *“É porque na verdade, ela quando era criança, nem entendia o que estava acontecendo.”* Tal afirmação faz com que também se perceba a importância da disseminação do conhecimento sobre a educação sexual e o amplo diálogo sobre a temática como mecanismos de proteção para a criança e adolescente.

No tocante à vulnerabilidade, que a pouca idade e a falta de conhecimento geram, uma aluna observa: *“Falando sobre chantagens... No começo ele oferecia bombons, depois celular, né?! Usando coisas que criança gosta, que adolescente gosta pra tentar induzir, né?! Fazendo com que a criança queira.”* E sua colega complementa: *“É interessante que no início ela diz não querer o bombom, mas ele vai e começa a ameaçar.”* Alertando para táticas persuasivas que abusadores costumam usar para atrair e colocar a vítima em posição de submissão.

### **A sociedade patriarcal e a legitimação da violência sexual e de gênero**

A construção histórica da masculinidade esteve voltada para superioridade masculina, legitimando e contribuindo para a construção e manutenção de uma sociedade machista e violenta, tanto em relação ao gênero, no que se refere à opressão voltada às mulheres, bem como a questão da sexualidade, no que se refere à homofobia. A masculinidade, da forma



como foi construída, é prejudicial em diversos âmbitos do social e, principalmente, em todos os aspectos da vida das mulheres, visto que oprime, diminui e inferioriza (NIGRO; BARACAT, 2018).

Há uma nítida diferenciação dos papéis de gênero e da submissão da mulher ao homem, na qual a honra da mulher é atribuída à capacidade de guardar seu corpo para um único alguém e a esse pertencer, privando-se, muitas vezes, do prazer. Esse aspecto é evidenciado na fala de uma aluna, ao se referir à personagem do vídeo ter “perdido a honra”: *“você já acabou com a sua honra, bem dizer...”*. É possível perceber nessa fala a cultura de que enquanto ao homem a honra é atribuída à sua virilidade e capacidade de procriar, gozando de seus prazeres, ou seja, quanto mais poder o homem exerce, mais honrado ele é; por outro lado, quanto mais pura e submissa, mais honrada é a mulher. Essa ideia é complementada pela fala de outro participante quando ele afirma que: *“Eu conheço um caso de um menino que a babá dele, quando ele tinha 6 anos de idade, ao dar banho ele, o colocava pra chupar seus seios. E na conversa do grupo familiar, eles falavam “Eita! Taradão, ein. Nossa, esse aí vai ser garanhão”*”.

Ao se referir aos aspectos da construção da masculinidade, uma aluna salienta que *“sobre o machismo... É muito colocado que o homem... Fala-se muito que essa fase do homem... Da adolescência onde ele está se descobrindo, né?! Por questões hormonais, passam a justificar certos atos como se eles fossem normais. Costumam dizer que isso é normal, que faz parte da fase do homem, da puberdade e que a mulher é diferente, pois no homem é tudo mais a florado.”* Nessa fala, a aluna aborda a questão da naturalização dos atos prejudiciais praticados, tendo como explicação as questões hormonais que são utilizadas para justificar aspectos relacionados ao machismo e a violência, nos seus diversos segmentos, direcionada às mulheres.

Ainda, a aluna complementa e questiona: *“E aí, isso é instinto?! É algo tão animal assim que um homem não consegue se controlar? É impossível de se perceber e até fazer um trabalho sobre isso se for necessário com um profissional? Pois isso é muito feio!”*. Vale destacar que, após essa fala, um grupo de alunos do gênero masculino gargalhou. O discurso da aluna reflete o que Nigro e Baracat (2018) enfatizam em relação à posição irracional colocada para o homem, que diz respeito à ideia de que o mesmo não é capaz de controlar os instintos, assim como animais selvagens e, dessa forma, os atos são naturalizados e impunes.

Essa naturalização do machismo e da masculinidade tóxica está diretamente relacionada à cultura de estupro que, como aborda Campos (2016), refere-se às práticas e

ideias que sustentam métodos de controle da sociedade patriarcal. Sob essa perspectiva, uma aluna aborda que *“Já ouvi muitas pessoas dizerem que essa fase do homem é mais aflorada, como se fosse uma desculpa.”* A violência sexual, nessa cultura que naturaliza ações opressoras e violentas, está subsidiada por um poder invisível que regula e influencia a sociedade. Ao serem informados, durante o debate, sobre as estatísticas de que um caso de estupro é notificado no Brasil, a cada 11 minutos, e que os casos registrados representam apenas 20% do total de estupros (DESUMANIDADES, 2016), um aluno questiona *“esses dados são de onde?”*. Tal questionamento permite refletir acerca da tentativa desenfreada de invisibilizar e duvidar dessa cultura que sustenta a sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tornou-se evidente que, mesmo se tratando do espaço acadêmico, no qual se imagina que discussões acerca da presente temática devem acontecer de forma constante, a fim de promover esclarecimentos, há uma significativa ausência de informação revelada no posicionamento dos estudantes, que muitas vezes sustentam atitudes que possam vir a relativizar a violência sexual e de gênero.

Diante disso, é importante compreender e reforçar que a ausência citada não se dá em vão. Sabe-se que, na maioria das vezes, acontece justamente pela também ausência de conhecimento em cima do tema trabalhado, o que causa no sujeito a ignorância.

Esse fato reforça o que foi encontrado na literatura utilizada para tal estudo, mostrando a necessidade de quebrar conceitos antigos, intensificar a disseminação de conhecimentos e promover reflexão para que o presente cenário seja modificado de forma benéfica. Ademais, frequentemente é visto que, muito embora questões como esta tenham conquistado um espaço significativo, principalmente nas academias e até mesmo em redes sociais, através de campanhas, rodas de conversa e palestras, lamentavelmente, ainda há uma falha no estado, bem como do próprio profissional que considera que tratar de questões como a problemática da violência sexual, por exemplo, pode ser uma “perda de tempo” uma vez que não há tanto interesse nos alunos.

Ariano Suassuna coloquialmente dizia que cachorro só gosta de osso porque nunca lhe deram um filé. Fazendo analogia ao pensamento do dramaturgo paraibano, pode-se dizer que o mesmo acontece no nosso cenário educacional brasileiro no qual, constantemente, muitos assuntos não são trabalhados justamente por ainda existir o tipo de falha mencionada acima, o

que evidencia a urgência de trabalhar cada vez mais esse tipo de tese, tendo como objetivo fazer a informação chegar, com cada vez mais precisão, às pessoas.

A metodologia escolhida, para a realização deste estudo, proporcionou que o tema fosse abordado de forma ampla e bastante eficaz na função de compreender como os estudantes enxergam a problemática discutida, apresentar dados atuais e consistentes que lhes mostrassem outro ponto de vista cumprindo, assim, a proposta da intervenção e da construção de novos saberes. Através destas reflexões, ficou claro o fato de que a violência sexual e de gênero é um problema social e também de saúde. Partindo do pressuposto de que o conhecimento propicia maiores oportunidades de mudança, e levando em consideração a preocupação da Psicologia e o reconhecimento do seu papel social, este estudo busca colaborar para o campo científico e servir como ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa, informada e igualitária.

## REFERÊNCIAS

ANTONY, S.; ALMEIDA, E. M. Crianças vítimas de violência sexual intrafamiliar: uma abordagem Gestáltica. **Revista do NUFEN**, Belém, v.10, n.2, p. 184-201, mai./ago. 2018.

ARAÚJO, M. F. Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 2, p. 3-11, jul./dez. 2002.

ATLAS DA VIOLÊNCIA NO BRASIL: base de dados. Disponível em: <  
[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)>. Acesso em: 19/07/2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Edição em Língua Portuguesa. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 233 p.

CAMPOS, A. A. A cultura do estupro como método perverso de controle nas sociedades patriarcais. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, p.1-13, 2016. Mensal.

COELHO, M. G. **Gênero desviantes: o conceito de gênero em Judith Butler**. 2017. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

DESUMANIDADES. Direção de Museu da Pessoa. [s.i.]: Cartola Filmes, 2016. (16 min.), son., color. Legendado. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=NFPSS3qoWeU>>. Acesso em: 16 ago. 2019.

FIRMINO, F. H.; PORCHAT, P. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de "problemas de gênero". **Rev. Bra. Psicol. Educ.**, Araraquara, v. 19, n. 1, p.51-61, 2017.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

GUERRA, E. L. A. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Ânima Educação. Belo Horizonte 2014. Disponível em: <[http://disciplinas.nucleoad.com.br/pdf/anima\\_tcc/gerais/manuais/manual\\_quali.pdf](http://disciplinas.nucleoad.com.br/pdf/anima_tcc/gerais/manuais/manual_quali.pdf)>. Acesso em: 22 jul. 2019

LIMA, I. V. B.; DIOLINA, J. **Consequências Psicológicas do abuso Sexual na Infância e Adolescência: uma Ferida Invisível**. Disponível em: <<http://www.site.ajes.edu.br/congre/arquivos/20150928161430.pdf>> Acesso em: 06 jun. 2019.

LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NADER, M. B.; CAMINOTI, J. M. **Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica**. Anais. 2014. Disponível em: <[http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400262820\\_ARQUIVO\\_Genero epoderaconstrucaodamasculinidadeeexerciciodopodermasculinonaesferadomestica.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400262820_ARQUIVO_Genero%20epoderaconstrucaodamasculinidadeeexerciciodopodermasculinonaesferadomestica.pdf)>. Acesso em: 12/08/2019.

NIGRO, I. S.; BARACAT, J. Masculinidade: Preciosa como diamante, frágil como cristal. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia: Olhares da psicologia sobre questões da atualidade**, Garças, São Paulo, v. 30, n. 1, p.4-19, 2018. Semestral.

PRODANOV, C.C; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Universidade Feevale – Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>> Acesso em: 22 jul. 2019.

SFAIR, S. C.; BITTAR, M.; R. E. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando posições oficiais. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 24, n. 2, p. 620-632, 2015.

SILVA, J. C. da; ARAÚJO, A. D. de. A metodologia de pesquisa em análise do discurso. **Grau Zero: revista crítica cultura**, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/3492>> Acesso em: 22 jul. 2019

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TUZZO, S. A.; BRAGA, C. F. O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 4, n. 5, p. 140-158, dez. 2016. ISSN 2525-8222. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/38/31>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

VIANA, A. J. B.; SOUSA, E. S. S. O poder (in)visível da violência sexual: abordagens sociológicas de Pierre Bourdieu. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 45, n. 2, p.155-183, 2014.

VICENTIN, S. C.; VALLE, T. G. M. Relações familiares permeadas por violência sexual do pai contra a filha. In: **Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções**. São Paulo: 2009. p. 178-200.